

## **ARTIFÍCIOS E ENTREGA AO EXERCÍCIO DA LINGUAGEM. UM ESTUDO SOBRE FLAUBERT**

Lúcia Amaral de Oliveira Ribeiro<sup>1</sup>

### **Resumo**

Analiso processos de imaginação e procedimentos de escritura em cartas, anotações e relatos de Flaubert sobre sua viagem ao Oriente.

Palavras-chave: Flaubert. Viagem ao Oriente. Correspondência de Flaubert.

### **Résumé**

Analyse des processus d'imagination et des procédés d'écriture dans des lettres, notes et récits de Flaubert concernant son voyage en Orient.

Mots-clés: Flaubert. Voyage en Orient. Correspondance de Flaubert.

Flaubert se insere em uma tradição de escritores que viajam. Em 1849, com 27 anos, ele parte para o Oriente com Maxime Du Camp. Suas anotações de viagens constituem um imenso repertório, memória da experiência imagética e sensorial, impressões formuladas principalmente em primeira pessoa, eu ou nós. O que foi reunido e publicado postumamente como relatos da Viagem ao Oriente abrange o registro do que Flaubert observa, alternando visões panorâmicas, de valor topográfico, e descrições detalhadas de pessoas, quadros, roupas, objetos etc. As anotações se organizam em cenas de costumes, fragmentos de diário, imagens, descrições de sons, cores, cheiros, impressões as mais diversas. Especialmente no modo descritivo, as frases preservam um quadro, os detalhes contribuem para a força das imagens. De um modo geral, o viajante tem a impressão de produzir imagens, conforme se desloca no espaço. Ao caminhar, a paisagem muda, surgem situações novas. O viajante está em contato com uma perspectiva particular da relação tempo-espaço. No relato de viagem, o espaço cumpre a função que, muitas vezes, tem o tempo em outro tipo de narrativa. O deslocamento no espaço gera

<sup>1</sup> Doutoranda da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – FFLCH

situações que são descritas ou narradas. Por outro lado, no ato de escrever, o tempo e o espaço da experiência se transformam em tempo e espaço do relato. O relato de viagem é exercício de escritura e linguagem, texto e procedimento que engendra outros textos. Flaubert passa da descrição detalhada da paisagem para a vontade de saber, a curiosidade; da contemplação de um quadro à imaginação de como foi a vida da pessoa retratada. Chamo a atenção nos relatos de Flaubert não para as informações sobre sua viagem, mas para o que se estende para além de referenciais externos – processos da imaginação e procedimentos de escritura.

Flaubert parte para o Oriente quatro anos depois de ter escrito o primeiro romance com o título *A Educação sentimental*, publicado postumamente. Como Jules, personagem desse romance, ele leva para o Oriente a obra de Homero. Referindo-se a Jules, Claudine Gothot-Mersch escreve que, para o personagem, a documentação é suporte para a imaginação, o que também acontece com Flaubert.<sup>2</sup> Assim como Chateaubriand e outros escritores que foram para o Oriente no século XIX, Flaubert lê inúmeras obras sobre o Oriente antes de viajar. Destaco o aspecto subjetivo dessa literatura, a imagem diz respeito a um sujeito que pensa, se lembra, tem impressões. O termo impressão aparece nos discursos de viagem do romantismo, pressupõe a relação do que é observado com o sujeito que observa. Depois, é associado à mudança estética que acontece na pintura. A literatura de viagem, da época, é marcada pela reflexão sobre as ruínas monumentais do passado e, ao mesmo tempo, a observação de tradições e costumes. No fim do século XIX, coleções e museus europeus se abrem para a arte do Oriente, como antes tinham se aberto para os mundos grego e romano. O Oriente povoa o imaginário e integra o projeto estético de muitos escritores. Em carta de 1846, antes de sua viagem, referindo-se ao projeto de um conto oriental, Flaubert afirma que seu objetivo não é científico, mas pitoresco. Escreve que procura a cor do Oriente, a poesia, o que é sonoro, quente, belo.<sup>3</sup> Flaubert descreve o Oriente em textos que antecedem sua viagem. Em

<sup>2</sup> GOTHOT-MERSCH, 2006. Prefácio, p. 9. In: *Voyage en Orient*. Paris: Gallimard, 2006.

<sup>3</sup> Carta de 15 de setembro de 1846 a Emmanuel Vasse de Saint-Ouen, que tinha autorização para retirar livros da Biblioteca real. Flaubert agradece o destinatário pelo envio de livros sobre o Oriente. In: *Correspondance*. v. 1. Edição estabelecida por BRUNEAU, Jean. Paris: Gallimard, 1973, p. 344.

Novembre, que escreveu entre 1840 e 1842, ele imagina cenas da viagem, o movimento sobre o dorso dos camelos, a tenda para dormir no deserto, o fogo aceso para afastar os chacais.<sup>4</sup> Anos depois, ele retoma construções e imagens. Notas e cartas que escreve durante a viagem se assemelham aos textos do Oriente sonhado, construído a partir de leituras e pesquisa. Edward Said analisa o discurso orientalista produzido pela cultura europeia. Sua análise revela a dialética entre o texto ou autor individual e a complexa formação coletiva, que abrange relatos de viagem, discursos políticos e estudos sobre religião, geografia, história, filologia e outras áreas do conhecimento. Ele enfatiza que o exame imaginativo do Oriente teve por base a consciência europeia. Said se concentra no discurso que resulta da relação dinâmica entre indivíduos e os empreendimentos políticos da Inglaterra e da França, desde o fim do século XVIII até a II Guerra. Ele aborda a invasão napoleônica do Egito, em 1798, como modelo de apropriação científica de uma cultura por outra.<sup>5</sup>

Flaubert retoma temas e livros, ao longo dos anos; volta, continuamente, às suas anotações, planos e rascunhos de todos os tipos, leituras, lembranças, imagens e frases. Ele movimentava um imenso repertório de experiências, leituras e textos. Cartas, relatos de viagem e manuscritos constituem um universo de valor estético, com traços da ordem do poético. Ao se apropriar de discursos sociais, literários, científicos, e de clichês, Flaubert transforma elementos que provêm de pesquisa, observação, experiência, memória. A criação literária se desenvolve no embate com a linguagem, ultrapassando o que o que o escritor pode prever ou programar. A frase mobiliza simultaneamente conteúdo, temas, imagens e enunciação. Em anotações, Flaubert fixa o que vê por meio de imagens. Planos e roteiros manuscritos mostram que muitas de suas ideias e cenas de seus romances começam com

<sup>4</sup> “Oh! se sentir plier sur le dos des chameaux! devant soi un ciel tout rouge [...] Le soir on plante les pieux, on dresse la tente, on fait boire les dromadaires, on se couche sur une peau de lion, on fume, on allume des feux pour éloigner les chacals, que l'on entend glapir au fond du désert; des étoiles inconnues et quatre fois grandes comme les nôtres palpitent aux cieux; le matin on remplit les outres à l'oasis, on repart, on est seul, le vent siffle, le sable s'élève à tourbillons.” Novembre. In: Mémoires d'un fou. Novembre. Pocket Classiques, 2001, p. 157.

<sup>5</sup> O estudo de Said também abrange a política dos Estados Unidos, no período que se estende da II Guerra até a atualidade. Ele relaciona o orientalismo atual a um conjunto de estruturas do passado. SAID, Edward W. Orientalismo. O Oriente como invenção do ocidente. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2001 [1978], p. 12, 19, 35, 53 e 131.

uma imagem, sua escritura toma forma e se expande a partir de imagens e detalhes.<sup>6</sup> Em carta, ele afirma que escritura e imagem decorrem uma da outra.<sup>7</sup> O que me interessa na correspondência de Flaubert, mais do que suas reflexões sobre o processo de escrever, é o estudo da forma, marcas da escritura em movimento. Palavras, expressões, frases e imagens se movem de cartas e relatos de viagem para manuscritos de romances, dos manuscritos para as cartas, e assim por diante. Imagens e frases carregam em sua forma a virtualidade da recriação.

É exaustivo o processo a que se entrega Flaubert, ele escreve inúmeras vezes cada frase, saturando de rasuras e acréscimos seus manuscritos. Barthes associa o trabalho do escritor em seus manuscritos aos eixos paradigmático e sintagmático da linguagem. Ao eixo vertical da folha de papel corresponderiam substituições de palavras, em geral da mesma classe. Tais substituições são, muitas vezes, identificadas nos manuscritos como rasuras ou hesitações. Ao eixo horizontal corresponderiam as supressões ou acréscimos, que afetam a cadeia de sintagmas. O sistema de regras métricas da retórica clássica limitava o campo de escolhas do escritor. Barthes escreve que, livre da retórica, na segunda metade do século XIX, a liberdade do escritor se exerce na unidade linguística fundamental, a frase, que para Flaubert é uma unidade de estilo, de trabalho e de vida. O movimento de diminuir o texto é, em geral, limitado por uma estrutura mínima da língua, composta pelo grupo sujeito e predicado da frase. Já o movimento de expansão da frase, em princípio, não tem limites.<sup>8</sup>

O efeito de explosão na escritura de Flaubert transparece na descrição de detalhes, nos elementos que são enumerados sem relações explícitas, nem entre os elementos nem com o que vem antes ou depois no texto. O leitor observa na descrição uma espécie de explosão de linguagem, não necessariamente motivada, ou seja, sem que haja uma ligação com o contexto

<sup>6</sup> Retomo neste artigo algumas das questões que integram minha pesquisa de mestrado. RIBEIRO, L. A. O. Espaço e imaginação em *L'Éducation sentimentale*, de Flaubert. Dissertação de mestrado apresentada em 2010, FFLCH-USP, inédita, p. 75 a 77, 80, 81, 122, 123, 125 e 126.

<sup>7</sup> "L'image, ou le sentiment bien net dans la tête, amène le mot sur le papier. L'un coule de l'autre." Carta de 30 de setembro de 1853 a Louise Colet. In: *Correspondance*. v. 2. Edição estabelecida por BRUNEAU, Jean. Paris: Gallimard, 1980, p. 445.

<sup>8</sup> BARTHES, Roland. *Le degré zéro de l'écriture suivi de Nouveaux essais critiques*. Paris: Seuil, 1972 [1953], p. 133, 134, 137 e 139.

da narrativa. Muitas vezes, a explosão é associada a devaneios, delírio ou alucinação dos personagens. Galíndez-Jorge se detém sobre uma imagem de Flaubert, que figura o efeito de explosão da linguagem: As mil peças de fogos de artifício.<sup>9</sup> Associando produção de imagens e alucinação, Galíndez-Jorge chama a atenção para um dos procedimentos que caracterizam a escritura de Flaubert, a dilatação da cena, a partir de detalhes. Os elementos descritos ganham amplitude.<sup>10</sup> Barthes explica que a descrição não contempla um trajeto de escolhas e alternativas com uma referência temporal. Sua estrutura é de acúmulo, e a referência é de ordem discursiva.<sup>11</sup>

Debray-Genette chama de descrição focalizada o modo como Flaubert integra a descrição à narrativa, por meio da focalização. A palavra pictural quadro assume um sentido dramático, de narração.<sup>12</sup> Na obra de Flaubert, se elaboram alguns dos procedimentos característicos da modernidade, e isso desde a narrativa da viagem de 1847 com Máxime Du Camp pela Normandia e Bretanha. O relato dessa viagem, escrito pelos dois amigos em capítulos alternados, recebeu o nome de Pelos Campos e pelas Praias (*Par les champs et par les grèves*). Em seus romances, Flaubert retoma o modo de descrição narrativa de cartas e relatos de viagens, e retoma imagens, modificando o contexto. No romance *A Educação sentimental*, ao caminhar por Paris, o protagonista Frédéric, associa elementos da paisagem do Oriente, tais como palmeiras e dromedários, a devaneios com a mulher amada: “Quando ele ia ao Jardim das Plantas, a vista de uma palmeira o levava para lugares longínquos. Eles viajavam juntos no dorso dos dromedários, sob a tenda dos elefantes [...] Outras vezes, ele sonhava que ela estava com uma calça de seda amarela, sobre as almofadas de um harém [...]”<sup>13</sup>

<sup>9</sup> Transformada, a imagem entra no título da tese de doutorado de GALÍNDEZ-JORGE, Como as mil peças de um jogo de escritura nos manuscritos de Flaubert, tese defendida em 2003, na FFLCH-USP, publicada em 2010, pela Ateliê Editorial, com o título de Fogos de Artifício, Flaubert e a escritura.

<sup>10</sup> GALÍNDEZ-JORGE, Verónica. Alucinação, memória e gozo místico. Dimensões dos manuscritos de “Un Cœur Simple” e “Hérodias” de Flaubert. Dissertação de mestrado apresentada em 2000, FFLCH-USP, inédita, p. 86, 87, 140 e 144.

<sup>11</sup> BARTHES, Roland. L’effet du réel. [publicado originalmente em *Communications*, 11, 1968]. In: *Littérature et réalité*. Paris: Seuil, 1982, p. 83.

<sup>12</sup> DEBRAY-GENETTE, Raymonde. *Métamorphoses du récit*. Paris: Seuil, 1988, p. 12 e 13.

<sup>13</sup> FLAUBERT, Gustave. *L’Éducation sentimentale*. (Paris: Michel Lévy, 1869). Édition avec dossier, présentation par Stéphanie Dord-Crouslé. Paris: GF Flammarion, 2001, p. 131 e 132. Traduzi esta e as demais citações que constam neste artigo.

Nathalie Sarraute escreve que “Somente uma descrição subjetiva, deformada e apurada impede que nós a façamos aderir a imagens pré-existentes, necessariamente convencionais.”<sup>14</sup> As palavras carregadas de sentidos – tanto pelo que significam, como por sua sonoridade e beleza formal – levam o escritor e, depois, também o leitor a fabricar imagens. Flaubert grita o que escreve para experimentar ritmo e sonoridade. Podemos entender que ele busca a musicalidade.

Em relatos e cartas sobre suas viagens, Flaubert exercita a função de narrador observador. Nesses casos, ele confere a si um estatuto de narrador personagem do relato. A descrição em cartas e relatos de viagem se dá a partir do seu olhar. Transcrevo a seguir uma carta que Flaubert escreveu no Egito para Louis Bouilhet, em 3 de março de 1850.

Fiz a Keneh algo por conveniência, e eu espero que isso obtenha sua aprovação: nós tínhamos descido do barco para fazer compras, e caminhávamos tranquilamente pelos bazares, à toa, respirando o cheiro de sândalo que circulava em torno de nós, quando, depois da curva de uma rua, eis que subitamente entramos no bairro das mulheres da vida. Imagine você, meu amigo, cinco ou seis ruas curvas com cabanas altas de 4 pés aproximadamente, construídas com argila cinza seca. Sob as portas, mulheres de pé, ou sentadas em esteiras. As negras tinham vestidos azul céu, outras estavam de amarelo, de branco, de vermelho, — largas roupas que flutuam ao vento quente. Cheiros de especiarias com tudo isso; e sobre suas gargantas descobertas longos colares de contas de ouro, que fazem que, assim que elas se movem, isso soe como charretes. Elas chamam você com vozes arrastadas: "Cawadja, Cawadja"; seus dentes brancos brilham sob seus lábios vermelhos e negros; seus olhos de estanho giram como rodas. — Eu passei nesses lugares e repassei, [...]; elas pegavam com o braço meu corpo e queriam me levar pra dentro das suas casas... Acrescente a isso o sol por cima. Bem! eu resisti, de propósito, a fim de guardar a melancolia desse quadro e fazer com que ele ficasse mais profundamente em mim. Também saí com um grande deslumbramento e que eu guardei. Não há nada mais bonito que essas

<sup>14</sup> SARRAUTE, Nathalie. Flaubert le précurseur. (publicado em Preuves, em fevereiro de 1965). Paris: NRF Gallimard, 1986, p. 70 e 72.

mulheres chamando você. Se eu tivesse cedido, outra imagem teria vindo sobre essa e teria atenuado seu esplendor.<sup>15</sup>

O leitor imagina a cena: Flaubert caminha pelos bazares, acompanhado de Du Camp. Subitamente, depois de uma curva, aparecem as mulheres de pé diante das portas ou sentadas em esteiras. Efeitos sensoriais de cores, sons e cheiros dão vida à descrição. As imagens surgem conforme o ritmo da caminhada, correspondem ao olhar dos amigos que caminham. O relato transmite a impressão de movimento. A descrição acompanha o deslocamento de Flaubert e Du Camp. Ao abordar o Oriente de Flaubert, Isabelle Daunais propõe que o espaço não existe como realidade referencial e sim como geometria, estilização. Trata-se de um espaço fechado em que o visível depende das condições de observação. O espaço da viagem é marcado pela diferença entre espaço da observação e espaço da ação, o observador se move em um mundo estranho.<sup>16</sup>

A dimensão sonora do texto da carta, tal como foi escrita, em francês, potencializa as imagens e o sentido; causa uma impressão de cadência, balanço.

Nous **avions** mis pied à **terre** pour **faire** des **provisions**, et nous **marchions** tranquillement dans les bazars, le nez en l'**air**, respirant l'**odeur** de santal qui circulait **autour** de nous, quand, au **détour** d'une rue, voilà **tout** à **coup** que nous tombons dans le quartier des filles de **joie**. Figure-**toi**, mon ami, cinq ou six rues courbes avec des cahutes **hautes** de 4 pieds **environ**, bâties de limon gris desséché.

Je me suis **promené** en ces lieux **et repromené**, leur donnant à toutes des batchis, me faisant appeler **et raccrocher**; elles me **prenaient** à bras le corps **et voulaient** m'**entraîner** dans leurs maisons...

**Sur les portes**, des femmes debout, **ou** se tenant assises **sur des nattes**. Les **négresses avaient** des robes bleu ciel, d'autres étaient en jaune, en blanc, en rouge [...] <sup>17</sup>

<sup>15</sup> carta para Louis Bouilhet, de 13 de março de 1850, em barco sobre o Nilo, depois de Syène, no Egito In: Correspondance. v. 1 Edição estabelecida por BRUNEAU, Jean. Paris: Gallimard, 1973, p. 602.

<sup>16</sup> DAUNAIS, Isabelle. Flaubert et la scénographie romanesque. Paris: Nizet, 1993, p. 56, 66 e 73.

<sup>17</sup> carta para Louis Bouilhet, de 13 de março de 1850, em barco sobre o Nilo, depois de Syène, no Egito In: Correspondance. v. 1 Edição estabelecida por BRUNEAU, Jean. Paris: Gallimard, 1973, p. 602.

O mesmo evento, o caminhar de Du Camp e Flaubert pelos bazares, é narrado com detalhes no relato *Viagem ao Oriente*, mas sem a dimensão rítmica e sonora da carta.<sup>18</sup>

Na carta, logo depois da descrição, Flaubert emprega as palavras quadro e imagem: “eu resisti, de propósito, a fim de guardar a melancolia desse quadro [...] Se eu tivesse cedido, outra imagem teria vindo sobre essa e teria atenuado seu esplendor.”<sup>19</sup> Segundo o texto, a possibilidade que não se realiza dá mais força à imagem. Flaubert valoriza a imagem enquanto possibilidade, que não se fecha em uma realização. Memória e imaginação se misturam. Em cartas e anotações que constituem relatos da viagem, ao movimento do observador, que seleciona e enquadra situações com seu olhar e seus atos, se acrescenta o movimento criativo de escrever, com novas escolhas e nova seleção, o trabalho criativo com a linguagem e com a memória, que se modifica, continuamente.

<sup>18</sup> FLAUBERT, Gustave. *Voyage en Orient*. Paris: Gallimard, 2006, p. 127 e 128.

<sup>19</sup> carta para Louis Bouilhet, de 13 de março de 1850, em barco sobre o Nilo, depois de Syène, no Egito In: *Correspondance*. v. 1 Edição estabelecida por BRUNEAU, Jean. Paris: Gallimard, 1973, p. 602.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Le degré zéro de l'écriture suivi de Nouveaux essais critiques*. Paris: Seuil 1972 [1953].

BARTHES, Roland. L'effet du réel. [publicado originalmente em *Communications*, 11, 1968]. In: *Littérature et réalité*. Paris: Seuil, 1982.

DAUNAIS, Isabelle. *Flaubert et la scénographie romanesque*. Paris: Nizet, 1993.

DEBRAY-GENETTE, Raymonde. *Métamorphoses du récit*. Paris: Seuil, 1988.

FLAUBERT, Gustave. *Correspondance*. Edição estabelecida por BRUNEAU, Jean. Paris: Gallimard, 1973 (volume 1) e 1980 (volumes 2).

FLAUBERT, Gustave. *L'Éducation sentimentale*. (Paris: Michel Lévy, 1869). Édition avec dossier, présentation par Stéphanie Dord-Crouslé. Paris: GF Flammarion, 2001.

FLAUBERT, Gustave. Novembre. In: *Mémoires d'un fou*. Novembre. Pocket Classiques, 2001.

GALÍNDEZ-JORGE, Verónica. *Como as mil peças de um jogo de escritura nos manuscritos de Flaubert*. Tese de doutorado defendida em 2003, FFLCH-USP.

GALÍNDEZ-JORGE, Verónica. *Fogos de Artifício, Flaubert e a escritura*. São Paulo, Ateliê, 2010.

GALÍNDEZ-JORGE, Verónica. Alucinação, memória e gozo místico. Dimensões dos manuscritos de “Un Cœur Simple” e “Hérodiades” de Flaubert. Dissertação de mestrado apresentada em 2000, FFLCH-USP, inédita.

GOTHOT-MERSCH, 2006. Prefácio, p. 9. In: *Voyage en Orient*. Paris: Gallimard, 2006.

RIBEIRO, L. A. O. Espaço e imaginação em *L'Éducation sentimentale*, de Flaubert. Dissertação de mestrado apresentada em 2010, FFLCH-USP, inédita.

SAID, Edward W. *Orientalismo. O Oriente como invenção do ocidente*. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2001 [1978].

SARRAUTE, Nathalie. *Flaubert le précurseur*. (publicado em *Preuves*, em fevereiro de 1965). Paris: NRF Gallimard, 1986.